

A TERRA ENSINA DUAS VEZES

Sobre plantar sombra que não se usufrui, e sobre o respeito devido a quem produz o alimento de todos

Ainor Francisco Lotério

A LAVOURA MUDA A PAISAGEM E MUDA O LAVRADOR

A agricultura transforma duas vezes. Transforma a paisagem, a economia e a mesa, e essa primeira transformação todos conseguem ver: o mato que vira roçado, o roçado que vira lavoura, a lavoura que vira caminhão carregado descendo a estrada de chão na madrugada. A segunda transformação quase ninguém enxerga, porque acontece por dentro de quem trabalha. Ela transforma o próprio lavrador.

Transforma porque impõe convivência diária com aquilo que não se controla. O agricultor faz tudo o que a técnica manda fazer, e ainda assim depende da chuva que não vem, do granizo que veio, do preço que caiu na semana da colheita. Transforma porque obriga a decidir com informação incompleta, sempre, e a assumir a decisão sem transferir a culpa para ninguém. Transforma porque ensina, do jeito mais direto que existe, que o erro custa safra e que o acerto custa preparo. E transforma porque devolve todo dia a mesma lição, aquela que a pressa do nosso tempo mais detesta ouvir: ninguém colhe fora do tempo.

Quem planta uma árvore trabalha por uma sombra na qual não se sentará.

A MAIS ANTIGA INSTITUIÇÃO DA GENEROSIDADE

Há um traço amoroso na agricultura que nenhuma outra atividade humana carrega com igual clareza. O agricultor que planta uma araucária, um ipê, um garapuvu, sabe perfeitamente que a sombra boa daquela árvore não será dele. Será dos filhos, dos netos, ou de desconhecidos que passarão por ali daqui a sessenta anos sem saber o nome de quem abriu a cova. E mesmo assim ele planta.

A agricultura é, por isso, a mais antiga instituição da generosidade entre gerações, o exercício cotidiano e silencioso de produzir para quem ainda não chegou. Não existe gesto mais contrário ao espírito da nossa época, que quer tudo agora, mede tudo no trimestre e desiste do que não dá retorno rápido. Entre a semente e a madeira existe um percurso que não aceita pressa. E nesse percurso está guardado quase tudo o que precisamos saber sobre solos, sobre empresas, sobre famílias e sobre nós mesmos.

QUEM CONHECE A PRODUÇÃO POR DENTRO

Quem já acordou às quatro da manhã para tirar leite num inverno de geada sabe uma coisa que não se aprende em lugar nenhum. Quem já perdeu uma lavoura inteira em vinte minutos de granizo sabe outra. Quem carregou saco nas costas, quem esperou o preço, quem consertou a

máquina com o que tinha à mão porque a peça demorava quinze dias para chegar, quem viu o pai calado à mesa depois de uma safra ruim e entendeu tudo sem que uma palavra fosse dita, essa pessoa carrega um conhecimento que nenhum diploma substitui.

É preciso dizer com todas as letras: o campo forma gente. Forma pela paciência, forma pela responsabilidade, forma pelo hábito de olhar o céu antes de decidir e pela humildade de reconhecer que a última palavra nunca é nossa. A agricultura familiar, em especial, forma comunidade, porque ali o vizinho não é concorrente, é quem empresta o trator, ajuda no mutirão, socorre na doença e vela o morto. Muito do que o Brasil tem de melhor em solidariedade prática nasceu nas comunidades rurais e desceu para a cidade sem que a cidade percebesse a origem.

E QUEM CONSOME SEM SABER

Existe hoje uma distância grande entre a mesa e a terra. Muita gente boa, honesta, trabalhadora, atravessa a vida inteira sem nunca ter visto de perto como o alimento chega ao prato. Compra o leite na caixa e não faz ideia do horário em que alguém levantou para tirá-lo. Compra a alface lavada e não imagina quantas vezes aquela planta foi olhada, molhada e defendida antes de chegar ali. Compra o arroz, o feijão, a carne, o café, e não sabe que atrás de cada um deles houve risco assumido, dívida contraída, noite mal dormida e safra perdida.

Não se trata de culpar quem não sabe. Trata-se de convidar a saber. Porque quem entende de onde vem o alimento passa a respeitar de outro jeito o preço, o produtor e a própria comida. Passa a jogar menos fora. Passa a compreender que reclamar do valor do tomate sem saber o que é uma lavoura de tomate é uma conversa incompleta. E passa, sobretudo, a reconhecer que a segurança de encontrar comida no mercado todos os dias, essa coisa que parece automática, é o resultado de milhões de decisões tomadas por gente que trabalha longe dos holofotes e raramente é agradecida.

Ninguém come um discurso. Come-se o que alguém plantou, cuidou e colheu.

O RESPEITO DEVIDO À NATUREZA

Respeitar o campo é também respeitar a natureza que o sustenta. O agricultor sério sabe disso melhor do que ninguém, porque é ele quem paga primeiro pelo erro cometido contra o solo. Terra maltratada cobra na safra seguinte. Nascente destruída cobra na seca. Mata ciliar derrubada cobra na enchente. Não é discurso ambiental, é aritmética de quem vive do que a terra devolve.

Por isso o cuidado com o solo, com a água e com a floresta não é concessão feita a ninguém, é a forma mais elementar de inteligência produtiva. E o agricultor que planta árvore, que protege a nascente, que faz curva de nível, que devolve cobertura ao solo, está fazendo pela sua terra exatamente o que gostaria que fizessem por ele: entregar adiante em condições melhores do que recebeu.

O QUE O CAMPO TEM A ENSINAR A TODO MUNDO

Nada disso interessa apenas a quem vive na roça. As lições da lavoura servem à empresa que quer durar, à família que quer permanecer unida, à cooperativa que quer crescer sem se perder e a qualquer pessoa que esteja construindo algo que leva tempo. Preparar o terreno antes de semear. Respeitar o espaçamento, porque o que se adensa demais não frutifica. Aceitar o tempo de dormência em que nada aparece e todos duvidam. Remover o que impede o crescimento em vez de forçar o que deve crescer sozinho. E, principalmente, aceitar que existe um intervalo entre a semente lançada e o broto que aparece no qual não podemos fazer absolutamente nada além de confiar.

O agricultor não faz a planta crescer. Ele remove o que impede e oferece o que falta. É a mais antiga pedagogia do mundo, e continua sendo a mais eficaz, seja no solo, seja na criação dos filhos, seja na formação de um sucessor.

UM PEDIDO SIMPLES

Que quem produz seja tratado com o respeito de quem sustenta a mesa de todos. Que quem consome tenha a curiosidade de aprender de onde vem o que come. Que a cidade olhe para o campo sem romantismo e sem desprezo, apenas com verdade. E que a juventude rural encontre motivo para ficar, porque um país que esvazia o seu interior está serrando o galho sobre o qual se senta.

A terra ensina duas vezes: ensina a produzir e ensina a viver. Quem aprende as duas coisas colhe muito além da safra.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é filho de agricultores, nascido na comunidade rural de Campestre, em Vidal Ramos, Santa Catarina. Formou-se primeiro técnico agrícola e depois engenheiro agrônomo. Construiu uma trajetória de quatro décadas na extensão rural, convivendo diariamente com famílias, comunidades e cooperativas, e atuou também na administração pública, na consultoria em cooperativismo e no rádio. É bacharel em Filosofia e em Teologia, mestre em Gestão de Políticas Públicas e diácono permanente. Criador da Agrosafia, filosofia de vida que integra o saber agrônomo, a sabedoria ancestral do campo e a reflexão sobre a existência, e autor em desenvolvimento da Agroteologia. Escreve, ensina e fala sobre motivação, cooperativismo, comunicação, longevidade e Agrosafia, sempre a partir do mesmo lugar: o de quem viu a lavoura decidir o destino de uma casa e nunca conseguiu, depois disso, pensar a agricultura apenas como setor econômico.

CONTATO PARA PALESTRAS, CURSOS E PARTICIPAÇÕES

ainorfloterio@gmail.com

WhatsApp: (47) 99967-5010

www.loterio.com.br